

INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ABRINDO NOVAS TRILHAS

José Francisco Chicon
José Roberto Gonçalves de Abreu

RESUMO

A inclusão de uma aluna Síndrome de Down em uma turma de 3ª série do ensino regular é investigada nessa pesquisa-ação desenvolvida numa escola pública do município capixaba de São Mateus. Constitui a fase de análise de dados de uma dissertação de mestrado em educação física e busca compreender os desafios e possibilidades da prática docente. Durante um semestre letivo, pudemos acompanhar vinte e duas aulas de educação física, bem como constituir um planejamento regular com o professor, construir um grupo operativo de pais de crianças com deficiência buscando a construção coletiva do processo de educação inclusiva.

Palavras-chave: inclusão, educação física, alunos com deficiência.

ABSTRACT

The inclusion of a Down syndrome student in a class of 3rd grade regular education is investigated in this action research developed at a public school in the municipality of Saint Matthew capixaba. Is the phase of analysis of data from a master's thesis in physical education and seeks to understand the challenges and opportunities of teaching practice. During a semester, we monitor twenty-two physical education classes, and of planning with the regular teacher, building a group operating from parents of children with disabilities seeking a collective construction process of inclusive education.

Keywords: inclusion, physical education, students with disabilities.

RESUMEN

La inclusión de un síndrome de Down en una clase de estudiantes de 3er grado de educación regular se investiga en esta investigación-acción desarrollada en una escuela pública en el municipio de San Mateo Capixaba. Es la fase de análisis de los datos de una tesis de maestría en educación física y trata de comprender los retos y las oportunidades de la práctica docente. Durante un semestre, supervisamos veintidós clases de educación física, y de la planificación con la maestra regular, la creación de un grupo operativo de los padres de los niños con discapacidad que buscan un proceso de construcción colectiva de la educación inclusiva.

Palabras clave: la inclusión, la educación física, los estudiantes con discapacidad.

O debate acerca da inópia da sociedade, pretendida como mais inclusiva, nunca esteve tão acirrado. Cada vez mais se discute a necessidade do respeito à diversidade, da tolerância, como sendo uma característica do cidadão do terceiro milênio. Parece realmente, ser este o milênio da postura politicamente correta, de valorizar as

manifestações individuais, expostas de diferentes formas em diferentes contextos sociais. Como diria Sasaki (2005), a inclusão é o paradigma do século XXI, para quem:

O mundo caminha para a construção de uma sociedade cada vez mais inclusiva. Sinais desse processo de construção são visíveis com frequência crescente, por exemplo, nas escolas, na mídia, nas nossas vizinhanças, nos recursos da comunidade e nos programas e serviços.

Embora otimista, percebemos a inclusão dentro de um processo histórico complexo. Sucedendo o paradigma médico-pedagógico, observamos no Brasil no final da década de 1970 e início da década de 1980, um movimento conhecido como paradigma da integração, que tem como principal pilar a defesa do direito das pessoas com deficiência de usufruir o mais próximo possível das condições de vida da sociedade em que vivem, participando de forma plena das possibilidades de lazer, educação a partir da adaptação do indivíduo à sociedade e a todos os seus elementos de exclusão etc.

Guhur (2002) destaca que a integração apenas diminui a diferença dessas pessoas com as demais, porém o aspecto unilateral de mudanças persiste, uma vez que coloca o aluno como meta principal, na estrutura ou fluxo comum na escola, não havendo alterações na estrutura escolar, seja física ou curricular.

A esse respeito, Ferreira e Vieira (2003), nos alerta que:

[...] a história das tentativas de mudanças pedagógicas tem centrado a inovação educacional na reforma de métodos, técnicas e programas, deixando intocadas as práticas, a estrutura da instituição, as relações escolares, as posturas profissionais, os tempos e espaços onde se processa a educação do aluno e, ainda, os rituais que dão concretude aos conteúdos intelectuais e formativos da escola.

Para Arroyo (1999 p. 161), “mudar essa tradição significa ‘colocar o foco onde acontece a educação’, em múltiplos e diversos locais”. A troca de experiências é realmente um dos mais significativos produtos da prática pedagógica inclusiva, uma vez que impõe a constante reflexão acerca de quem ensina, quem aprende e quem colabora, onde o primeiro deixa de ser prerrogativa do professor, o segundo não mais como objetivo exclusivo do aluno e à família não cabe a passividade do terceiro. Nessa direção, Nóvoa (2000) defende a idéia de que a escola não é um lugar no qual simplesmente o professor ensina, mas também é um lugar onde se aprende.

Entendemos que caminhamos, embora a passos lentos, para uma sociedade da inclusão. Mantoan (2009) afirma que “Estamos caminhando devagar. O maior problema é que as redes de ensino e as escolas não cumprem a lei”. Para a autora, além do aspecto legal, movimentos de instituições que defendem a exclusão e a segregação através das escolas especiais, impedem a inclusão de caminhar. Otimistas, acreditamos que para o avanço da inclusão é imprescindível que haja a participação da educação em todas as suas possibilidades e dos seus atores de forma plena e incondicional.

A inclusão no Brasil é um fenômeno ainda não consolidado, até, em função de ser um movimento recente, ainda mal compreendido, ainda inadequadamente disseminado junto aos profissionais de educação que normalmente tem uma visão do

mesmo como algo utópico, inatingível, inviável. Para tal é necessário uma desconstrução de práticas exclusivistas.

A indiferença da sociedade às manifestações da diversidade humana nos parece socialmente aceita e minimizada por uma postura omissa que mantém uma aparente harmonia social prévia. A reflexão sobre essa “harmonia preestabelecida” ou sobre esse “mundo pré-existente”, “já estruturado” (CHARLOT, 2000), que mantinha ou mantém este sistema que omite lacunas e exclui as interrogações sobre o seu próprio fundamento, se insurge como um imperativo com profundas manifestações no cotidiano escolar.

Essa harmonia parece revelar os motivos da exclusão, da “falta de condições”, do despreparo profissional, “da incompetência e/ou impotência” no trabalho com um público, que tem garantido o seu acesso ao sistema escolar, mas que ainda não tem garantido no contexto educacional o reconhecimento da diversidade e da diferença que constitui esse público. (CORREIA, 2006, p. 18)

Para Baumel (1998, p.33), “[...] o desenvolvimento das chamadas escolas inclusivas é o propósito, senão o desafio, que se coloca à comunidade educativa, no fundamento da educação para todos”. Assim, segundo a autora os princípios norteadores de uma educação para todos são:

- Toda pessoa tem direito fundamental à educação, possibilitando-lhe o atingimento e a manutenção de um nível adequado de processo.
- O ser humano possui características e interesses singulares, próprios de sua condição total.
- Os sistemas e projetos educacionais devem considerar a diversidade das características dos seres humanos na situação de escolarização.
- Há nos sistemas educacionais, os programas regulares para intervir com pedagogias tanto para crianças chamadas normais, como também para deficientes. Contar com um quadro de escolas regulares, que contemplem programas especiais, com orientação inclusiva, abre perspectivas de construir meios eficazes para combater atitudes discriminatórias, desenvolver a tolerância na comunidade e conceber uma educação para todos.

As pesquisas acerca da inclusão tem se intensificado de forma robusta nas últimas décadas. Parte desse novo contexto se deve à visibilidade do tema que tem sido cada vez mais discutido por diversas vertentes do campo científico. Uma segunda e não desprezível parte é deflagrada pelas demandas que foram criadas com as políticas públicas que prevêm uma postura de inclusão de alunos com deficiência em um ensino regular cujo cotidiano escolar ainda é caracterizado pela incompreensão dos propósitos centrais e das posturas metodológicas adequadas para cada uma das diversidades possíveis.

Nesse entendimento, percebendo o processo de transição e o desafio imposto a toda a sociedade, para que a inclusão seja consolidada, concordamos com Jesus (2002), quando essa afirma que construir práticas contrárias à segregação implica o trabalho com profissionais da escola, com pais, com as gestões governamentais, com toda a sociedade, numa atitude de construção e (re)significação do lugar da pessoa com

necessidades especiais. O mesmo entendimento percebe-se na fala convicta de Chicon (2005, p.50) ao afirmar que:

[...] a inclusão significa a modificação da sociedade como pré-requisito para que a pessoa com NEEs possa buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania. A inclusão é um processo que exige transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com NEEs, com o objetivo de se alcançar uma sociedade que não só aceite e valorize as diferenças individuais, mas que aprenda a conviver com a diversidade humana, por meio da compreensão, da cooperação e do acolhimento às diferenças.

Quando direcionamos o debate para o eixo educacional, essa urgência torna-se mais aguda. A intolerância não deve ter assento nos bancos escolares, as diversidades devem ser acolhidas de uma forma humanizada. Sabemos que para isso é necessário uma ampla revisão do modelo de abordagem das diferenças na educação e no ambiente educacional, com ressignificação de conceitos e novas práticas pedagógicas construídas coletivamente rumo a uma sociedade assegure ao sujeito, “o direito a igualdade quando a diferença o inferioriza e o direito a diferença quando a igualdade o descaracteriza”. (SANTOS, 2007).

Para Chicon (2005, p.12) “a política de uma educação para todos vem situar um novo momento histórico social e essa nova tendência inclusiva tem gerado divergências, limitações, possibilidades e novas formas de analisar e intervir no meio socioeducacional”.

Com o propósito central de contribuir cientificamente para a construção de novos rumos, é que surgiu a proposta de uma Pesquisa – Ação, considerando as complexidades, possibilidades e perspectivas da educação física Inclusiva, considerando os elementos do cotidiano escolar, nas séries iniciais do ensino fundamental, na EMPPG “Arnóbio A. de Holanda” no município capixaba de São Mateus no ano de 2008. Buscamos investigar, analisar e contribuir para o avanço da prática pedagógica de professores de Educação Física que atuam na perspectiva da inclusão, em escolas do Município de São Mateus.

A Pesquisa-Ação considerou os três níveis de pesquisa: exploratória, descritiva e explicativa. Após um levantamento inicial das escolas do município de São Mateus, chegou-se à Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Arnóbio Alves de Holanda”, no Bairro COHAB de São Mateus, considerando tratar-se de uma escola que conta com a experiência da tentativa da inclusão nas aulas de Educação Física e a que melhor atendeu aos critérios previamente definidos como experiências em educação inclusiva, professor efetivo entre outros.

Definida a escola, procuramos inicialmente um contato mais estreito com o corpo docente e a comunidade, visando amenizar um eventual impacto resultante da presença do pesquisador durante a coleta de dados. O professor de educação física, cujo codinome adotado foi Arthur, possui licenciatura plena em educação física e Pós-graduação lato-sensu em Educação Física Escolar. Refere ter sua prática voltada para a perspectiva da inclusão, entendendo a proposta como um desafio e mostrando-se entusiasmado às possibilidades geradas pela pesquisa.

A próxima ação foi constituir um grupo de trabalho, composto pelo professor pesquisador, pelo professor de educação física, pelas coordenadoras, pela diretora e

pelos demais professores que se mostraram interessados em atuar como professores crítico-reflexivos (NÓVOA, 2000) do seu fazer pedagógico, também na perspectiva da inclusão. Uma vez constituído, o grupo se encontrou quinzenalmente. Nesses encontros, os professores foram ouvidos sobre o seu fazer pedagógico, houve trocas de experiências, estudos de textos, enfim, de forma colaborativa, pesquisador e colaboradores, a partir das demandas, procuraram dar respostas aos problemas indicando ações que poderiam ser experimentados pelos professores no cotidiano escolar de suas turmas. O método da narrativa foi priorizado com o professor narrando sobre o processo ensino-aprendizagem.

Consideramos as dificuldades enfrentadas para desenvolver uma prática inclusiva, o nível de comprometimento do docente, a receptividade por parte da instituição escolar, e a existência de casos que provocaram a inquietude necessária ao meio científico. Casos corriqueiros e/ou altamente esclarecidos, não foram considerados relevantes para a pesquisa, não sendo consequentemente discutidos.

O pesquisador permaneceu na escola, durante um semestre letivo, acompanhando uma turma de terceira série que possui no seu quadro discente uma aluna de 14 anos com síndrome de Down. Durante as aulas de educação física, totalizando 22 aulas observadas, pudemos constatar os principais elementos que se constituem como barreiras ao processo de inclusão. O planejamento coletivo com o professor de educação física, momento no qual estivemos debatendo as questões dos saberes e práticas de inclusão, formação continuada, as peculiaridades da escola e dos alunos, consistiu num rico momento de coleta de dados.

Um importante passo foi estabelecer contato com a coordenação de Educação Especial da Superintendência Regional de Educação – Litoral Norte, com o NEIN (Núcleo de Educação Inclusiva) de São Mateus, da Secretaria Municipal de Educação de São Mateus, que além de auxiliarem na escolha da escola, mostraram-se disponíveis para suporte no que consideram grande contribuição para a inclusão no norte do estado.

Selecionamos ainda, uma Instituição de Ensino Superior (IES), que lamentavelmente não conta com o curso superior de educação física, mas oferece os cursos de pedagogia e normal superior e que disponibilizou a sua estrutura, através de seus cursos de licenciatura e/ou pedagogia, com os quais estabeleceremos uma parceria, para que fosse montado um Laboratório de Estudos em Educação Inclusiva – LEEI.

Como instrumentos e procedimentos de coleta de dados, optamos pela imagem (gravação e filmagem) e pela análise do discurso dos professores, dos debates por eles gerados e posteriormente, transcreveremos para o papel, com o apoio de acadêmicas de Pedagogia na IES parceira, no intuito de proporcionar uma logística viável de produção de trabalho, que consistiu em dialogar com a literatura, no sentido de apontar caminhos viáveis, observados em experiências anteriores e publicadas na literatura científica.

Para realizar este projeto utilizamos o diário de campo, no sentido de registrar os dados coletados durante os encontros, quando os mesmos foram gravados através de recurso digital de gravação, MP3, alguns filmados em máquinas de gravação digital, transcritos na íntegra. A análise do discurso, o debate das experiências, a análise de produções científicas, as propostas pedagógicas disponíveis e incentivadas pelas políticas públicas foram objeto de debate constante no primeiro semestre de 2008, teve como objetivo macro oferecer subsídios para a construção e aplicação de uma proposta pedagógica na escola que servirá aos propósitos metodológicos da pesquisa-ação. A idéia é que fosse uma proposta pedagógica viável, doméstica, exequível e, sobretudo, alinhada com as características étnico-culturais e sociais do município de São Mateus.

Entendemos que o grande legado dessa experiência foi a construção de uma proposta forjada a partir dos desafios que surgiam do cotidiano escolar e cujas alternativas eram buscadas diariamente de forma coletiva, resultando numa prática pedagógica pautada na plena inclusão da aluna nas aulas de educação física. O debate que foi proporcionado pelo estudo por si só constituiu num importante momento de rediscussão de todos: pais, educadores, comunidade e alunos acerca do seu papel no processo de inclusão. O grupo operativo de pais que mesmo depois do término da pesquisa-ação continua a se reunir, embora não constasse como objetivo primário do nosso trabalho foi uma das maiores conquistas, já que iniciou despretenso e hoje se consolida como um importante parceiro da escola na busca por soluções para os desafios que são propostas pela prática pedagógica inclusiva. Ao debater a inclusão de uma aluna com síndrome de Down como um desafio coletivo, este trabalho pode democratizar responsabilidades em busca da construção de uma sociedade mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (org.) Currículo: Políticas e práticas. Campinas, SP: Papirus, 1999.

BAUMEL, Roseli Cecília Rocha de Carvalho; SEMEGHINI, Idméa (Org.). Integrar/incluir: desafio para a escola atual. São Paulo: FEUSP, 1998.

BAUMEL, Roseli Cecília Rocha de Carvalho. Escola inclusiva: questionamentos e direções. In: BAUMEL, Roseli Cecília Rocha de Carvalho; SEMEGHINI, Idméa (Org.). Integrar/incluir: desafio para a escola atual. São Paulo: FEUSP, 1998. p. 33-44.

CHARLOT, Bernard. A relação com o saber: conceitos e definições. In: Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 77-86.

CHICON, José Francisco. Inclusão na Educação Física Escolar: construindo caminhos. 2005. 484 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo - USP.

FERREIRA, M.E.; VIEIRA, M.A.M. A Inserção de Crianças e Adolescentes com Deficiências Inseridas no Ensino Regular em Juiz De Fora. 2003. Disponível em: www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu0509.htm. Acesso em 01/08/2008.

GUHUR, P.L.M. A inclusão social do deficiente sob a perspectiva da globalização. Picaracicaba: UNIMEP, 2001.

JESUS, Denise Meyrelles de. Educação inclusiva: construindo novos caminhos. 2002, 217 f. Tese (Pós-Doutorado) — Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), São Paulo, 2002.

NÓVOA A. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA. A. Vida de professores. Porto: Porto Editora, 2000.

SANTOS, L.M.; DENARI, F.E. Classe especial, olhar de seus usuários e usuárias. Revista Brasileira de Educação Especial, Piracicaba, v. 7, n. 2 p.59-71, 2001

SASSAKI, R.K. Inclusão – Construindo uma Sociedade Para Todos. 7ª ed., Rio de Janeiro: WVA, 2006, 176 p.

José Francisco Chicon-chiconjf@yahoo.com.br

José Roberto Gonçalves de Abreu-abreufisio@gmail.com